

# Construindo moradas

*Building abodes*

*Construis des demeures*

Mariana Fonseca Laterza

Universidade Federal de Minas Gerais:

E-mail: [marianaflaterza@gmail.com](mailto:marianaflaterza@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2693-2602>

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma combinação de um escrito de artista e um ensaio visual, resultado de uma pesquisa de mestrado que interpreta a cidade como uma morada simbólica. Propõe-se utilizar a prática de deriva como uma atividade poética-metafórica e metodológica para estabelecer relações sensíveis com o território e ressignificar seus elementos. A deriva envolve percorrer o ambiente sem rota definida, guiado por pulsões psicogeográficas que revelam memórias e percepções inconscientes. Os registros, no caso feitos através da fotografia, são transformados em uma narrativa poética conjugada com imagens, resultando em um ensaio-visual-textual.

Palavras-chave: *narrativa poética; deriva; morada; cidade; ensaio visual.*

## ABSTRACT

This work consists of a combination of an artist's writing and a visual essay, the result of a master's research that interprets the city as a symbolic abode. It proposes the use of the practice of derive as a poetic-metaphorical and methodological activity to establish sensitive connections with the territory and reframe its elements. Drifting involves moving through the environment without a defined route, guided by psychogeographic impulses that reveal unconscious memories and perceptions. The records, in this case made through photography, are transformed into a poetic narrative combined with images, resulting in a visual-textual essay.

Keywords: *poetic; narrative; drift; abode; city; visual essay.*

## RÉSUMÉ

Ce travail consiste en une combinaison d'un écrit d'artiste et d'un essai visuel, résultat d'une recherche de master qui interprète la ville comme une demeure symbolique.

Il est proposé d'utiliser la pratique de la dérive comme une activité poétique-métaphorique et méthodologique pour établir des relations sensibles avec le territoire et revaloriser ses éléments. La dérive implique de parcourir l'environnement sans itinéraire défini, guidé par des pulsions psychogéographiques qui révèlent des souvenirs et des perceptions inconscientes. Les enregistrements, dans ce cas réalisé par la photographie, sont transformés en une narration poétique associée à des images, aboutissant à un essai visuel et textuel.

Mots-clés: *narrative poétique ; derive ; demeure ; ville ; essai visuel.*

Data de submissão: 29/10/2023

Data de aprovação: 13/08/2024

## Introdução

Este trabalho consiste em uma mistura entre um escrito de artista e um ensaio visual, construídos juntos como um único trabalho poético, resultado da minha pesquisa de mestrado, na qual proponho interpretar a cidade como uma morada expandida, um lar simbólico, através da prática de deriva e da prática artística. Proponho, em minha dissertação, me apropriar do conceito de deriva enquanto uma atividade poética-metafórica e metodológica, para estabelecer com o território relações sensíveis e ressignificar seus elementos. A proposta de deriva consiste em percorrer o ambiente sem um trajeto pré-determinado, de forma que as pulsões psicogeográficas guiem o caminho, ou seja, pulsões intuitivas advindas da própria geografia do local, que trazem à tona memórias e percepções incrustadas numa camada inconsciente da percepção. Ela é uma vivência que pode acontecer individualmente ou em grupo, e, quando em grupo, possibilita trocas entre seus participantes. Para que a experiência se torne significativa, é necessário que o sujeito “perca tempo”, se coloque em posição de devaneio, aja conforme o ócio criativo, que ativa a imaginação. Ao longo do caminho, o sujeito deverá registrar os elementos e as paisagens que lhe parecerem singulares. No caso do trabalho em questão, os registros foram feitos fotograficamente. Após a vivência, é proposto que cada indivíduo trabalhe aqueles registros e produza desdobramentos a partir da experiência, que, no caso da minha reflexão artística, resultou em uma narrativa poética conjugada com imagens de diversas derivas que realizei. O resultado, é o texto-ensaio-visual a seguir.

## Narrativa de percurso: construindo moradas

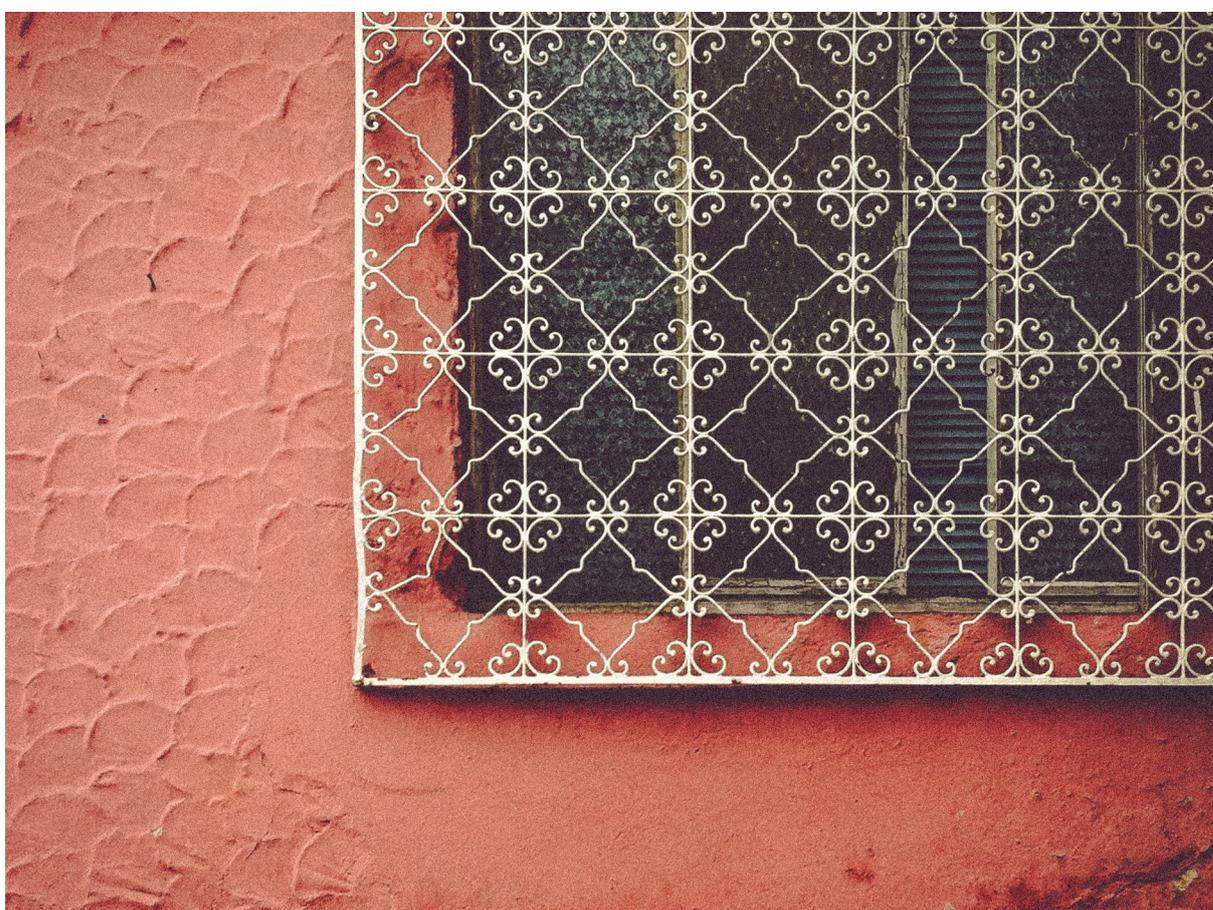


LATERZA, Mariana Fonseca. **Construindo moradas.**

**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >

Mais uma narrativa se inicia. Desta vez, a de percorrer o território através das imagens registradas. Quero percorrê-las mais uma vez, quero percorrê-las infinitas vezes. Não me canso de andar com o olhar por estes lugares. De percorrer os becos, os meios-fios, as rachaduras, as ferrugens, os alpendres. Quero habitá-los, torná-los meus. Deixar que suas marcas profundas marquem meu coração. Se bem que... ele já ficou marcado. Não consegue se esquecer, não consegue ficar imune diante das imagens. Não sou eu quem cria as histórias, são elas que me contam suas narrativas. Me revelam baixinho no ouvido seus segredos mais íntimos. Talvez seja mais um diálogo meu comigo mesma o que elas possibilitam. *As imagens não falam por si, a não ser quando interrogadas.*<sup>1</sup> Então, eu as interrogo. Faremos um interrogatório voraz. Quero conversar com vocês, imagens que me cativam. O que vocês querem me dizer? Por que insistem em me impregnar com suas formas patéticas?





---

LATERZA, Mariana Fonseca. **Construindo moradas.**

**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >



*Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.*<sup>2</sup> Parecem uma ferida aberta que lateja. Mas as acolho com amor, a ferida e a dor. Elas não são em vão, nada é. *Nada é oco, nada é vazio: atrás da grade sempre um segredo vigia.*<sup>3</sup> Mas Caetano fala *pra que rimar, amor e dor? Mora na filosofia...*<sup>4</sup> A esperança dessas portas que protegem e dessas plantinhas diminutas me comove. *Elas sempre encontram seu caminho.*<sup>5</sup> Elas me ensinam a habitá-las. Elas me ensinam a sê-las. *Meu retrato do artista quando coisa.*<sup>6</sup> Esse desejo de posse me motiva a criar. Não basta olhar, não basta contemplar. Essas figuras precisam entrar em mim, dentro do meu ser, preciso absorvê-las para devolvê-las em arte. Devoro com os olhos e não me canso de repeti-las. Nietzsche estava certo sobre o tal *Eterno Retorno.*<sup>7</sup> Nada se esgota. Mas o que afinal são vocês? Quanto mais simples, mais soberbas. *Pessoas pertencidas ao abandono me comovem.*<sup>8</sup> as coisas pertencidas ao abandono me comovem. *Puxo por um barbante sujo umas latas tristes.*<sup>9</sup>

---

LATERZA, Mariana Fonseca. **Construindo moradas.**

**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024  
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >



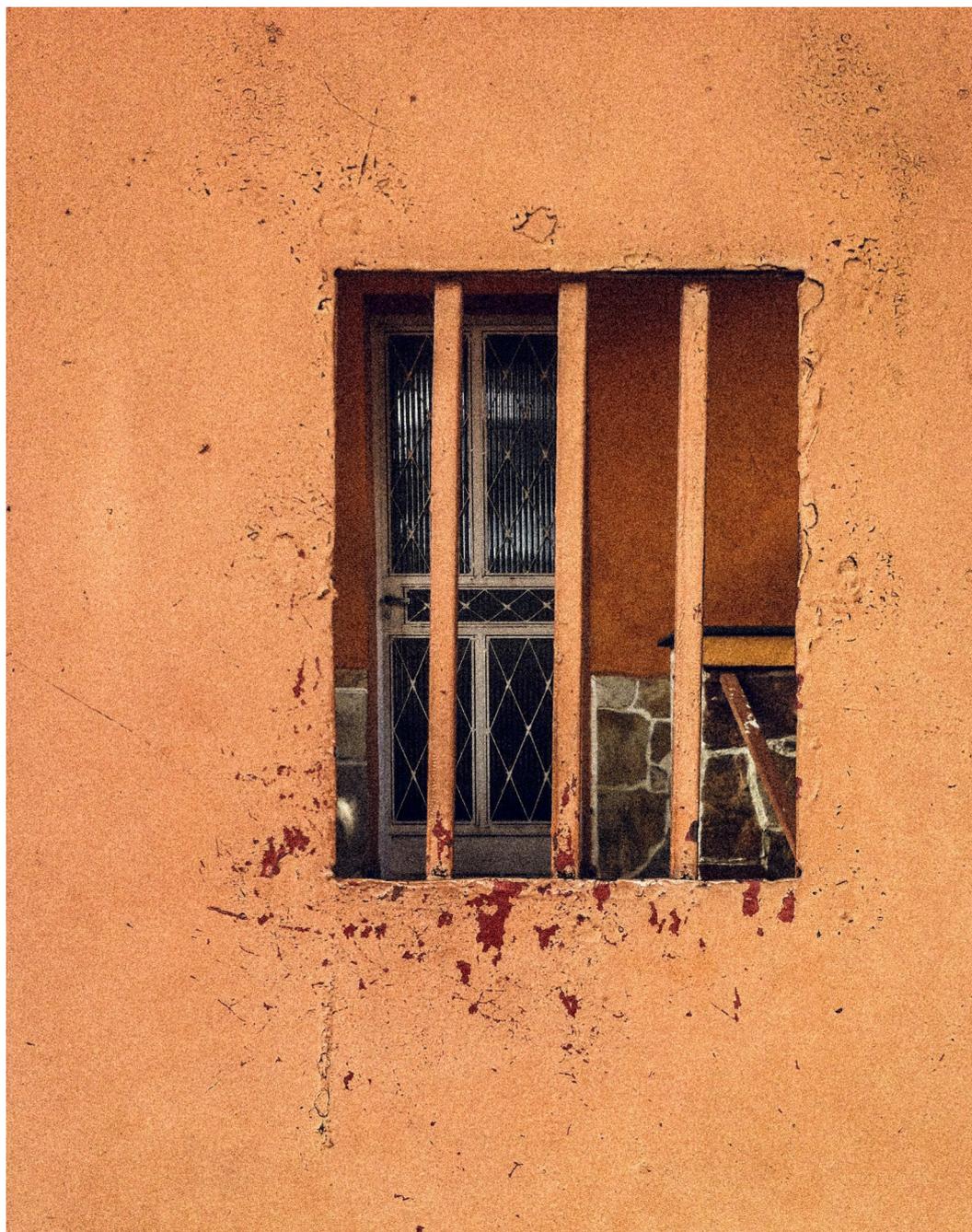




Encontro casas nas janelas. Ou seriam nas grades? Será que no fundo o que vejo não são os lares de caracóis nessas volutas que se repetem? O pensamento é redondo. Ele viaja em círculos. Ou talvez em espirais. Mas o que são espirais senão círculos que se repetem infinitamente? Essas formas circulares me fascinam, esse *infinito circular*.<sup>10</sup>



Quero habitá-las também. Vou construir delas minha Morada. Sinuosa, orgânica, bela. Há um traço sugestivo e misterioso de lar na beleza, é um *mistério do planeta*.<sup>11</sup> Mas não essa beleza fria e perfeita do novo. A beleza do antigo e do gasto. Do acúmulo de histórias na superfície. Essa beleza antiga da ruína traz uma familiaridade estranha. Essa casa antiga e gasta com uma roseira na porta, *na minha casa tinha uma roseira...*<sup>12</sup> parece a casa de minha avó.



---

LATERZA, Mariana Fonseca. **Construindo moradas.**

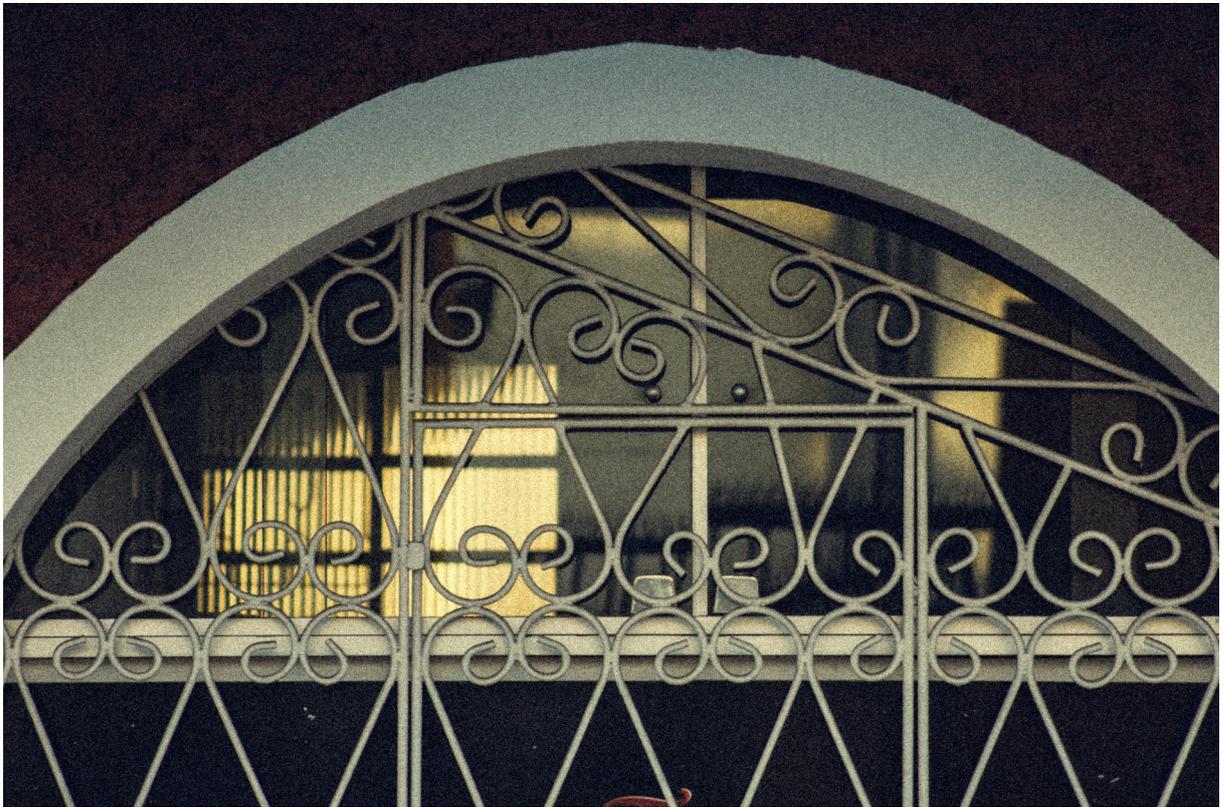
**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >



Na verdade, não conheci nenhum de meus avós e muito menos sua casa. Mas, se eles estivessem vivos, provavelmente morariam aí. Na verdade, eles moram no meu sonho, na minha imaginação, dois velhinhos se põem diante da soleira da porta. Às vezes se sentam no alpendre branco a observar o movimento. Às vezes vão cuidar da roseira. Ler o jornal de manhãzinha, passar o café. Na verdade, a casa é a minha avó.





Ela me observa com seu sorriso meigo, seu rosto rosado e seus cabelos brancos de cal. Os gradis ornamentados são as rendas de seu vestido. Os vidros das janelas, seus oculoziños azuis de refletir o céu. As florezinhas em cachos, seus cabelos fofinhos. O pórtilco em arco é seu sorriso invertido. Ela gosta de se sentar na varanda. Tem um vasinho de flor por vezes solitário, por vezes com companhia. *Singer*. Essas frorzinhas... manacá, rosa, dama-da-noite, jasmim... parecem flores feitas para o lar. Todas parecem ter mil anos. Até o pé de manacá baixinho parece ser muito antigo.



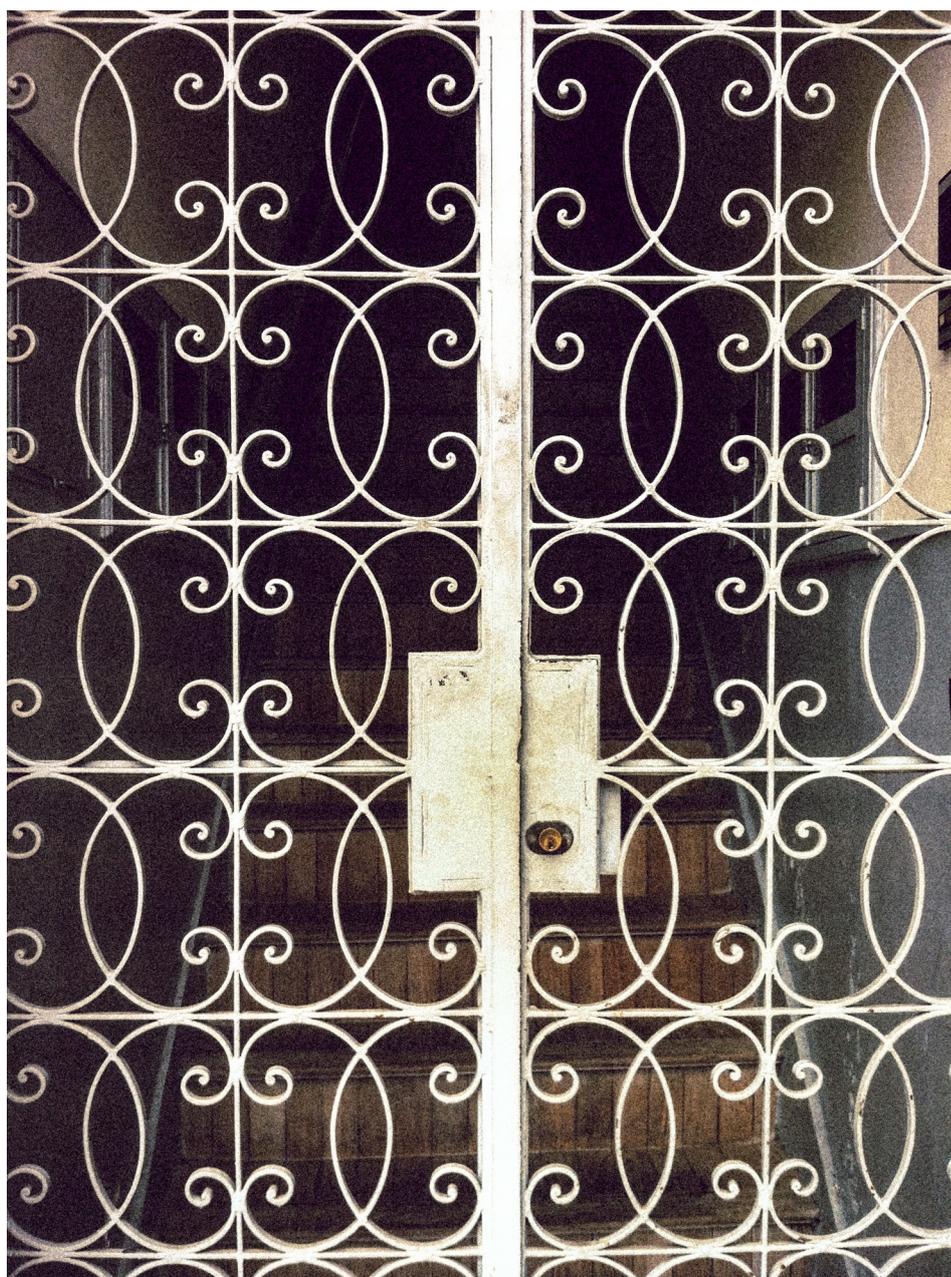
---

LATERZA, Mariana Fonseca. **Construindo moradas.**

**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >

Estas madeiras antigas têm um cheiro peculiar. Cheiro de uma casa ancestral. Da casa eterna que mora dentro da gente. Essa casa tem uma intimidade que aquece. Este cheiro do carcomido das paredes e este gosto do mofo no teto faz da casa um ser primitivo. Ela assume a forma de um ninho. Bachelard disse que o ninho é precário.<sup>13</sup> A casa é precária. E quanto maior a precariedade, mais ela me encanta.



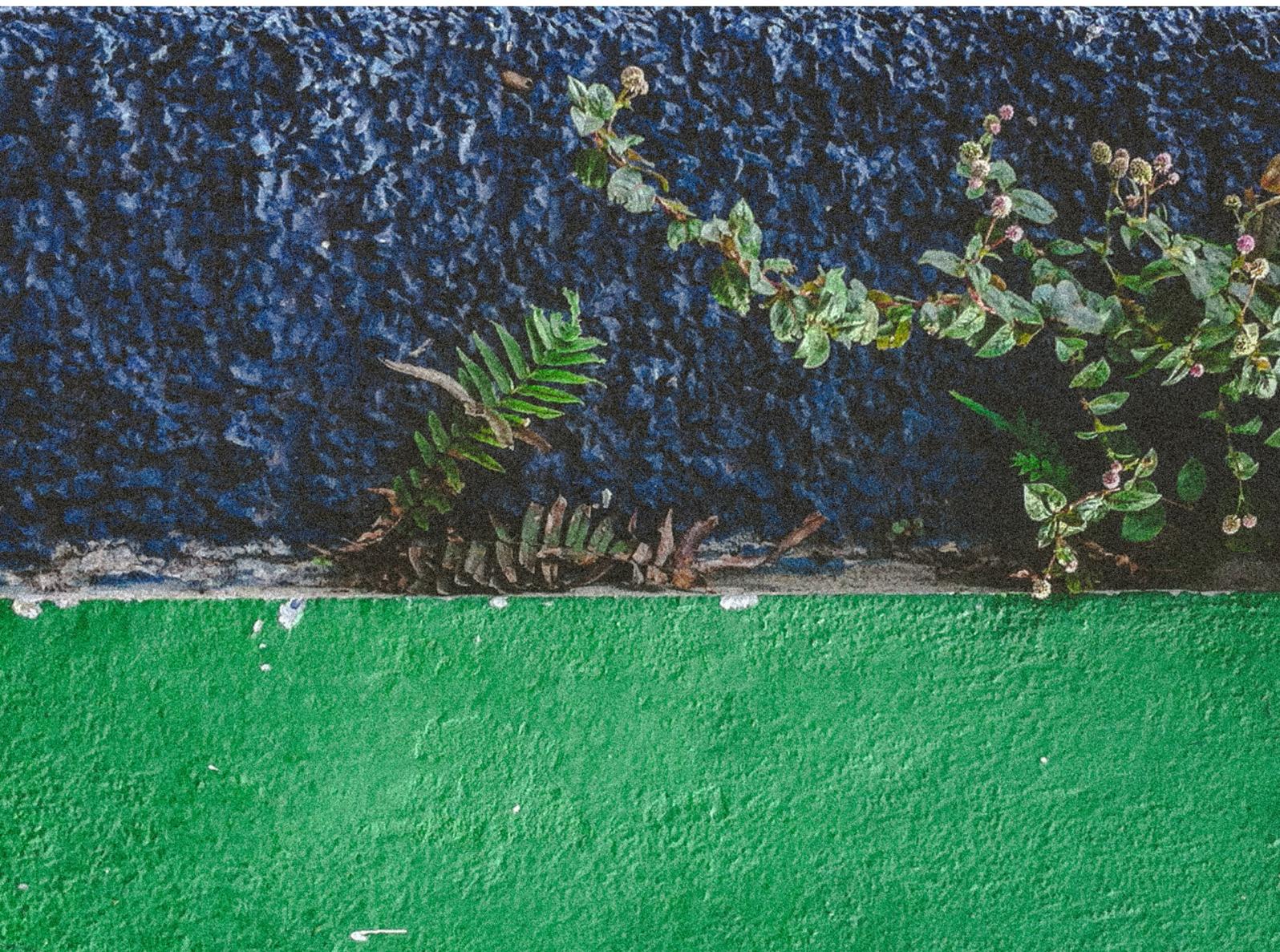
LATERZA, Mariana Fonseca. **Construindo moradas.**

**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >

O musgo que cresce pela parede mostra que o tempo passou. *Uma rã me pedra.*<sup>14</sup> A casa foi habitada. Está lá sabe-se lá há quanto tempo. Talvez há mais tempo do que eu caminhe sobre a terra. Quero habitar o musgo. Quero que ele *retire meus limites de ser humano e me corrompa para coisa.*<sup>15</sup> Quero que todas as casas tenham musgo. Vou instituir a lei do musgo. Só pode ser casa aquela que tiver musgo.



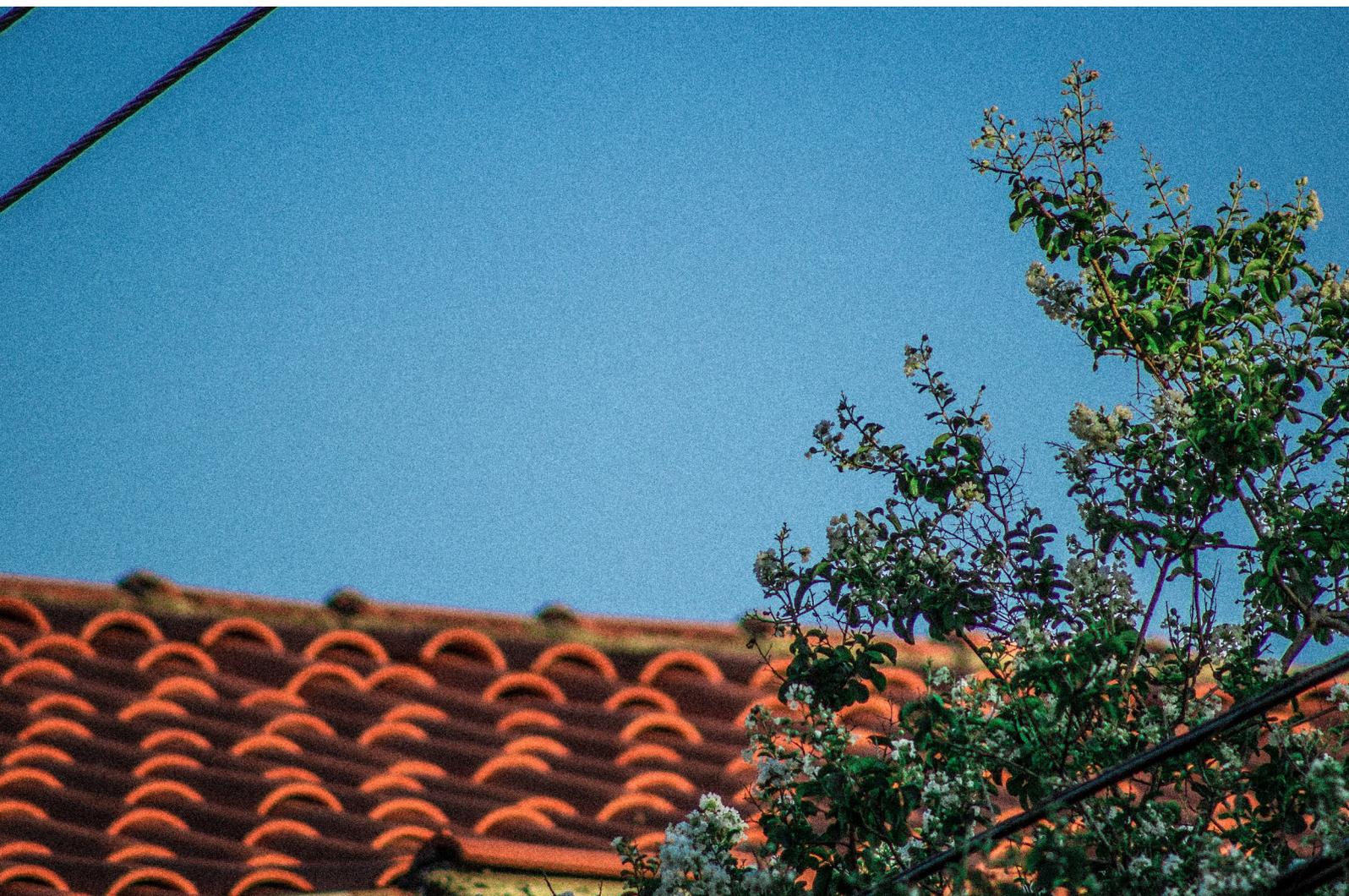






As grades protegem e encerram. Quantos segredos não estão encerrados por detrás dessas grades enferrujadas? Destes portões sedutores? E os cadeados são graves. Mas afirmam seu abrigo. Estamos aqui para proteger. Guardamos com amor nossos moradores. Somos refúgio. Tantos corações se repetem. Se repetem em dois, em três, em quatro, cinco, seis... acabam transformando-se em flores. São pétalas. *Significa que os jardins se esvaziaram de suas sépalas e de suas pétalas?*<sup>16</sup> O jardim continua lá. Quem é mais orgânico, o jardim ou o gradeado?





Dizem que existe uma passagem secreta entre os arbustos do jardim. Na verdade, fui eu quem disse isso, mas prefiro acreditar que é uma lenda. Ainda estou procurando a chave que abre essa passagem secreta. E também a fechadura... mas acho que encontrei finalmente! Vou me retirar para ele antes que seja tarde demais! Mas serei piedosa, e antes de abandonar a todos, como Sofia abandonou o livro, vou contar o segredo desta chave.



LATERZA, Mariana Fonseca. *Construindo Inocência...*

**PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG.** v. 14, n. 32, set.-dez. 2024  
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.48595> >



Ela é a imaginação.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, J. M. **Cultura e comunicação nas avenidas de contorno em Belo Horizonte e La Plata**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

BARROS, M. de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INFINITO Circular. Intérprete: Novos Baianos. Brasil: Globo Polydor, 1997. 1 CD (85 min).

LATERZA, M. Fábula de Ouro Preto. *In*: LATERZA, M. **Roteiro estético das minas enganosas**. Belo Horizonte: Memória Gráfica Edições, 2002. p. 11-12.

LATERZA, M. F. **Moradas**. 2014. 64 p. Monografia (Graduação em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MISTÉRIO do Planeta. *In*: INFINITO Circular. Intérprete: Novos Baianos. Brasil: Globo Polydor, 1997. CD (85 min).

MORA na filosofia. *In*: TRANSA. Intérprete: Caetano Veloso. Londres: Philips, 1972. LP (7 min).



Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

## NOTAS

---

- 1 Barros, 2005, p. 59.
- 2 Barros, 2004, p. 27.
- 3 Laterza, 2002, p. 11.
- 4 Mora..., 1972.
- 5 Laterza, 2014, p. 29.
- 6 Barros, 2004.
- 7 Conceito defendido pelo filósofo Friedrich Nietzsche sobre a ciclicidade da vida.
- 8 Barros, 2004, p. 27.
- 9 Barros, 2004, p. 47.
- 10 Infinito..., 1997.
- 11 Mistério..., 1997.
- 12 Laterza, 2014, p. 43.
- 13 Bachelard, 2008.
- 14 Barros, 2004, p. 13.
- 15 Barros, 2004.
- 16 Barros, 2004, p. 13.